

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

Ivan Fortunato*

Como é demente um processo de ensino e aprendizagem sem a dimensão da afetividade e do pensamento sistêmico, que nos conduz ao enfrentamento e busca de novos saberes. (FORTUNATO, et al, 2010)

Há cerca de três meses, quando recebi das mãos do professor Reigota um exemplar do livro de Valdo Barcelos publicado neste ano, minha primeira reação ao material foi: *por que alguém teria escrito mais um livro sobre este tema?* E assim, porque repleto de atribuições de diversas naturezas - como todo ser humano deste início de século -, coloquei o livro embaixo de uma extensa pilha de material, que incluía livros, artigos, apostilas e muito material de pesquisa. Dez dias atrás encontrei forças para a *herculana* tarefa de organizar minha casa, incluindo aí, a mencionada pilha.

Folha por folha, livro por livro, fui decidindo entre reciclar, devolver, doar, armazenar ou ler. Quando peguei “Educação de Jovens e Adultos”, freei o impulso de agrupá-lo junto aos outros materiais que precisava devolver. Abri. Encontrei logo na apresentação, escrita por Celso Henz, resposta para minha pergunta inicial: surge mais um livro sobre EJA² porque essa é uma problemática real em nosso país, e muitos jovens e adultos não conseguem retornar aos bancos escolares. Dos que conseguem, muitos acabam por abandonar os estudos por diversos motivos, dentre os quais, dificuldade de aprendizagem, esgotamento físico, falta de motivação para

* Pedagogo pela UNESP. Sócio-consultor da Fortunato e Silva Desenvolvimento. São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: ivanftr@yahoo.com.br

1 BARCELOS, V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

2 Sigla para Educação de Jovens e Adultos.

aprender. E assim, página por página, fui descobrindo, na redação de Valdo Barcelos, legítima preocupação com a educação.

O que encanta no livro é a busca autêntica do autor por uma nova possibilidade de ensinar. Essa nova possibilidade surge longe dos discursos padronizadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos currículos puramente tecnicistas, voltados para o mercado de trabalho. Valdo apresenta a importância pedagógica de um currículo flexível e, no resgate do pensamento para reflexão de Paulo Freire, tece diálogo com Inês Barbosa de Oliveira e Humberto Maturana sobre a perspectiva holística para um currículo menos mecânico e mais afetivo.

Valdo relembra no início do livro que nosso contexto social é dinâmico, intenso e paradoxal. Contexto que justifica um olhar educacional não mais focado no padrão, mas nos sujeitos que na escola aprendem. Fugindo da visão que o currículo é uma lista de conteúdos a serem apreendidos em determinados períodos de tempo, Valdo propõe um currículo que agrega as dimensões afetivas aos conteúdos formais. Para ampliar suas reflexões, o autor apresenta ao longo do livro narrativas de diversos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Nessas narrativas, a dimensão afetiva é escancarada pelos sujeitos que conseguiram se re-encontrar na escola.

Barcelos busca auxílio na elaboração epistemológica de Maturana, em especial nos conceitos de Biologia do Amor e Biologia do Conhecimento. Com esses conceitos, Maturana explica que não é possível a separação entre o ser biológico e o ser cultural. A maturação fisiológica está em uma relação dialética e indissociável com o desenvolvimento cultural. Assim, Valdo Barcelos propõe um currículo fundamentado também nas emoções, e não somente na razão.

Pelo caminho das biologias (do amor e conhecimento) de Maturana, Valdo propõe um currículo que perceba, apreenda e valorize as emoções e o aspecto afetivo do aprender. Para expressar a importância de um currículo que contemple essa dimensão, o autor apresenta o cotidiano escolar a partir dos próprios sujeitos que nele *aprendem ensinam*. Para compreender o cotidiano do ponto de vista de seus atores, Valdo Barcelos utiliza-se das narrativas como metodologia. Ao colher as narrativas, o autor explica que o importante é escutar o indivíduo que compartilha sua história.

Para melhor explicar essa importância do escutar, trazemos aqui a fala do autor (p. 56): “escutar as histórias dos educandos é uma possibilidade muito rica na perspectiva de ampliar nosso repertório de informações sobre a forma como as pessoas buscam entender o mundo em que vivem, bem como para nos aproximar do sentido que essas pessoas atribuem ao que lhes acontece”.

Daí a sua noção que o currículo não pode ser entendido e aplicado como uma mera lista de coisas a serem estudadas e memorizadas. Para o autor, compreender os

sentidos que educadores e educandos dão à escola deve vir antes de uma proposta padrão de currículo. E para conseguirmos alcançar espaços educativos que deem espaço aos sentidos de educandos e educadores, há que se estabelecer um ambiente de diálogos/conversações (cf. Paulo Freire/Maturana), porque só nesse ambiente há acolhimento, tolerância e afeto - dimensões excluídas dos processos históricos de uma educação escolar autoritária e excludente.

Nessa direção, o autor - com auxílio de Boaventura de Santos Souza - propõe alternativas curriculares nas quais: (1) ampliem-se as ações de *conversa* e *escuta* no cotidiano escolar, (2) que dessas conversas e escutas surjam possibilidades de novas práticas pedagógicas, (3) que essas novas práticas rompam com a tradição de constituírem-se currículos de forma *apriorística* e, finalmente (4) que educadores e educandos se reconheçam como parte de todo processo educativo.

Para se alcançar essas alternativas, o autor traça uma analogia entre o currículo e um mapa, já que o currículo não é conhecimento nem realidade, mas uma forma de representá-los - assim como um mapa não é o território nem a realidade, mas uma maneira de organizar e representar determinado espaço-tempo. No caso da educação de jovens e adultos, o autor lembra que os estudantes se afastaram da escola há algum tempo e, na sua maioria, carregam lembranças frustrantes sobre aquele território. Daí a noção de um currículo que não é mero guia de conhecimentos a serem armazenados pelo estudante, mas uma representação do real. E o real, em diferentes cotidianos, é sempre diferente. “Com isto”, afirma na página 108, “estaríamos abrindo espaços para que temas e conteúdos não contemplados *a priori*, em nossos planos de estudos, pudessem ser agora tratados e incluídos em nossas reflexões e, o que é mais importante, em nossos currículos, bem como em nossas práticas pedagógicas cotidianas”.

A proposta de Valdo Barcelos é um currículo que não é mais aquele rígido ou reduzido a uma lista de conteúdos para serem estudados em determinado recorte de tempo. O currículo que o autor defende é aquele constituído na própria relação que educadores e educando estabelecem no cotidiano escolar.

A última etapa do livro consiste em uma segunda analogia: o currículo como texto. Um texto não para ser lido e interpretado, mas para ser escrito pelas vozes que ressoam no cotidiano. São as vozes dos sujeitos que nesse cotidiano interagem, aprendem, ensinam. Compartilhar narrativas é uma possibilidade sensível para redação desse currículo-texto.

O ponto mais interessante deste livro é que ele não traz respostas. Valdo cita, mas não aprofunda conceitos. Assim, quem lê sua obra fica curioso sobre os caminhos que seguem Maturana, Paulo Freire, Inês Barbosa de Oliveira, Boaventura de Santos Souza... Ao fim e ao cabo, a principal característica deste novo livro sobre antigo

assunto é a de provocar o leitor a procurar seu próprio caminho. Porque a educação afetiva, que a todo tempo permeia a discussão no livro, não se dá na imposição de um currículo padrão, mas se transforma nas relações do cotidiano.

Por fim, faço convite ao educador que se apropriou dessa resenha que não se esquive da leitura deste livro. Estendo este convite para as leituras que estimularam Valdo Barcelos. E, ainda, como um apelo, sugiro que a leitura não seja um fim em si mesma, mas que suas ideias alimentem a reflexão da prática para que assim, pela *práxis* pedagógica, o cotidiano escolar deixe de ser refém de currículos e resoluções que não compreendem a plasticidade de um cotidiano escolar, bem como ‘deixam ao relento’ os aspectos afetivos da complexa relação educador - conhecimento - educando.

FORTUNATO, I.; TORQUATO, I. B.; SILVA, M. C. R. S. Afetividade na educação pelo pensamento complexo. Cascavel, PR: *Varia Scientia*: revista multidisciplinar da UNIOESTE, Vol. 10, n. 17, jan/jul 2010.